

**A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS VIGENTE NA DOCTRINA
BUSH: A GUERRA AO TERROR**

**THE FOREIGN POLICIES BY UNITED STATES OF AMERICA CURRENT IN
THE BUSH DOCTRINE: WAR ON TERROR**

Gustavo Denardi França¹

Gustavo Cesca Warmling²

Antônio Pedro Comin³

RESUMO: O atentado de 11 de setembro ao World Trade Center foi um marco para geopolítica no século 21, sendo o responsável direto pelo surgimento da Doutrina Bush e consequentemente de sua Guerra ao Terror. Neste artigo, será abordado como foi incutida ao Oriente Médio a imagem de um inimigo à democracia ocidental, principalmente aos interesses norte americanos. Como mostra o pesquisador Amaral Batista Leite, George Bush, através de seus discursos, incumbiu ao mundo árabe essa persona terrorista, conseguindo assim, um amplo apoio popular para sua Guerra ao Terror. Os conflitos no Afeganistão e Iraque, repletos de **controvérsias** são frutos da desastrosa política externa americana no início dos anos 2000. Segundo os dados levantados pela House of Commons, do Reino Unido, milhões de refugiados e pessoas em estado de vulnerabilidade são consequências diretas das ações de Bush e seus pares, refletindo até os dias de hoje na precária e delicada situação do povo árabe.

PALAVRAS-CHAVE: Doutrina Bush, Guerra ao Terror, Oriente Médio.

ABSTRACT: The September 11 attack on the World Trade Centre was a milestone for geopolitics in the 21st century, being directly responsible for the emergence of the Bush Doctrine and consequently the War on Terror. This article will look at how the Middle East is seen as an enemy of the Western democracy, especially to North American interests. As researcher Amaral Batista Leite has shown, George Bush, through his speeches, created the Arab world with this terrorist persona, thus achieving a wide popular support for his War on Terror. The conflicts in Afghanistan and Iraq, fraught with controversy, are the consequences of the disastrous American foreign policy of the early 2000s. According to data collected by the UK's House of Commons, millions of refugees and people in a state of vulnerability are the direct consequences of the actions of Bush and his peers, reflecting in nowadays the precarious and delicate situation of the Arab people.

KEYWORDS: Bush Doctrine, War on Terror, Middle East.

¹ Estudante de Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina E-mail: gustavodfranca27@gmail.com

² Estudante de Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina E-mail: gustavowarmling12345@gmail.com

³ Estudante de Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina E-mail: antoniopedro.comin00@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Para compreender a política externa dos Estados Unidos, após o atentado de 11 de setembro de 2001, este artigo buscou reunir bases bibliográficas para entender o processo em que o Oriente Médio foi posto como o centro das tensões mundiais nas intituladas Guerras ao Terror. Foi necessário introduzir a Doutrina Bush, com as principais movimentações políticas do Presidente George Walker Bush, uma vez que surge uma nova ameaça aos ideais e valores americanos, visto como a maior potência mundial.

As Guerras Ao Terror consistiram nas invasões do Afeganistão e Iraque, impulsionadas pelas políticas de Bush. Estes conflitos foram justificados como a tentativa americana de barrar o avanço terrorista e levar a paz e a democracia ao Oriente Médio, entretanto, ao longo de duas décadas de conflitos incessantes, tais motivações foram sucumbidas, fazendo com que o rumo da vida de milhares de pessoas fosse modulado por interesses políticos e econômicos.

Com isso, este artigo aborda também a questão dos refugiados, das baixas civis e consequências gerais da guerra para os civis. Países foram reprimidos com a invasão americana, e como objetivo deste trabalho temos a observação dos acontecimentos pós guerra para assim compreendermos melhor a história do oriente médio e como se consolidou como é atualmente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A DOCTRINA BUSH

George Walker Bush foi o 43º presidente dos Estados Unidos, assumindo o cargo no dia 20 de janeiro de 2001. Logo no primeiro ano de seu mandato, ocorreu o ataque terrorista que impactou diretamente a política externa do país, o ataque às torres gêmeas no dia 11 de setembro de 2001 marcou o início do conflito que o próprio Bush denominou “guerra ao terror”, contra a organização terrorista Al Qaeda e de seu líder, Osama Bin Laden, Assim como, países patrocinadores do terrorismo.

Para compreender a “doutrina Bush” é necessário entender a situação em que os Estados Unidos se encontravam e como tudo isso associou-se à “guerra ao terror”. Com o desmantelamento da União Soviética, os Estados Unidos encontravam-se sozinhos num mundo unipolar, ou seja, não havia outra potência capaz de fazer frente ao seu poder ou desafiá-lo em qualquer campo. (Leite, 2009). Com isso, os EUA poderiam projetar seus

valores democráticos e liberais em escala mundial.

As “funções” a serem exercidas pelos Estados Unidos eram apresentadas da seguinte forma: defesa e expansão da democracia; liberdade em relação aos organismos internacionais multilaterais; e maior investimento e ampliação das Forças Armadas, capazes de se manterem na vanguarda tecnológica e de dissuadir qualquer ameaça ou inimigo (Teixeira, 2007). Em alguns discursos, Bush reafirma e enaltece os valores norte-americanos:

Eu viverei e liderarei por esses princípios: para promover minhas convicções com civilidade, para perseguir o interesse público com coragem, para falar por maior justiça e compaixão, e chamar pela responsabilidade e tentar vivê-la como esperado. Em todas essas passagens, eu levarei os valores de nossa história para a atenção de nossos tempos. (Bush apud Leite, 2009, p. 34)

No entanto, com o ataque de 2001, o terrorismo passa a ser a grande ameaça à sociedade estadunidense, assim como a todas as sociedades democráticas ocidentais, vinculado principalmente aos países do Oriente Médio. A nova estratégia de segurança dos Estados Unidos muda a sua relação com os países islâmicos ou de maioria muçulmana, partindo do princípio de que o fundamentalismo islâmico é a principal ameaça à paz e à segurança internacional. (Aires, 2016)

A tensão mundial no período pós-ataque só aumenta, visto que a maior potência mundial fora atacada dentro do seu próprio território sem qualquer chance de defesa nem mesmo um alarme sequer pelos órgãos de inteligência do país. Os EUA não mostraram receio em classificar os ataques como um ato de guerra, que deveria ser respondido no mesmo nível, com um contra-ataque.

A intervenção no Afeganistão não é apenas apresentada como uma maneira de disseminar princípios e valores positivos, mas também como uma questão crucial de segurança nacional, sendo assim um elemento central na guerra ao terror. No discurso subsequente aos atentados terroristas, o presidente Bush busca destacar as virtudes de seu povo, contrastando-as com características negativas dos terroristas. Os ataques são retratados como ações irracionais e cruéis, cujo objetivo é destruir os princípios norte-americanos e desafiar o "espírito de liberdade" e o "propósito de civilização". Isso é realizado por meio da identificação de alguns elementos considerados fundamentais na construção da "civilização" americana, sendo a própria noção de civilidade reiterada nesses discursos.

Alguns meses após os atentados terroristas de 11 de setembro e a invasão do

Afeganistão, o governo estadunidense publicou o que seria conhecido como a doutrina Bush. Por meio do documento intitulado "Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos", o governo desse país oficializa a possibilidade do uso da guerra preventiva como força de ação política no sistema internacional. A consideração da ameaça seria agora tratada por meio de intervenções diretas, como aconteceu no Afeganistão. (Leite, 2009)

A justificação para a intervenção em Estados frágeis ou falidos como uma necessidade para a estabilidade do sistema global, com implicações na segurança dos Estados Unidos, foi fundamentada na ideia de que tal intervenção promoveria a disseminação da democracia e da liberdade entre os povos oprimidos. "Tal como Estados terroristas e Estados bandidos, estamos diante de um conceito frustrantemente impreciso, suscetível de um grande número de interpretações" (Chomsky, 2009, p. 126).

2.2 A GUERRA AO TERROR

2.2.1 Guerra do Afeganistão

Como visto, em setembro de 2001, o mundo presenciou o atentado ao World Trade Center, o primeiro ataque estrangeiro em solo americano, liderado pela Al-Qaeda na figura de Osama Bin Laden. A partir deste dia, a Casa Branca começou uma caça ao grupo terrorista, que tinha sua base de operações no Afeganistão, a qual era controlada pelo Talibã. "Em 2001 o governo Talibã no Afeganistão e Osama Bin Laden são enquadrados como inimigos, devido aos atentados terroristas e a falta de colaboração para a captura destes criminosos (Rodrigues, 2011, p.365), e em outubro de 2001, iniciava-se uma das guerras mais longas da história norte americana, a Invasão ao Afeganistão.

Nos meses seguintes, ainda no ano de 2001, a capital Cabul foi conquistada pelas tropas americanas, ocasionando uma fuga em massa de todos os grandes líderes do Talibã como Mohamed Omar e Osama Bin Laden da Al-Qaeda. Nos meses iniciais, pode-se afirmar que do ponto de vista dos Estados Unidos, a invasão foi um sucesso, visto que seus objetivos segundo o pesquisador Carlos Santos Pereira no seu artigo "Dez Anos De Guerra no Afeganistão" O ataque americano perseguia três grandes objetivos: dismantelar a rede da Al-Qaeda no Afeganistão, impedir bin Laden e seus pares de continuarem a usar o país como base de operações e, ao mesmo tempo, derrubar o regime dos "estudantes de teologia" e garantir um futuro democrático no país (Pereira, 2011, p.181). A partir da tomada de Cabul, os anos subsequentes foram feitos de vitórias para as tropas americanas, até que em 2003 as operações

de combate foram dadas como encerradas e entregadas a cargo da OTAN. Com o fim das ofensivas, o foco, segundo A Casa Branca, em conjunto com as nações unidas, era a reconstrução do país, a qual teve sua primeira eleição e constituição em 2004, que não acontecia desde 1969. Porém dado discurso cai em contradição quando ainda analisamos os dados do artigo: Dez Anos De Guerra Do Afeganistão , de 2003 a 2006 passou de 5 mil para 65 mil soldados e chegando a quase 2 mil mortos.

O ano de 2009 foi o mais agitado desde o início do conflito ``A escalada das ações Talibãs lançou o alarme e chamou a atenção para um conflito quase esquecido face à situação dramática no Iraque que parecia fugir completamente ao controle dos americanos. Os alarmes dispararam em Washington e no seio da coligação Ocidental`` nas palavras de Carlos Santos Pereira. Após a vitória de Barack Obama e um ressurgimento das milícias talibãs, mais de 30 mil soldados foram enviados para o afeganistão.Com o aumento de tropas,dados relacionados aos mortos civis que subiram em 76% em relação ao ano anterior, não obstante, após uma eleição turbulenta supervisionada pelos americanos, as forças americanas somadas às da OTAN passaram dos 100 mil soldados até os anos 2011.Deste modo, corroborando mais uma vez com a tese de quão infrutífera foi a tentativa`` americana de trazer a paz.

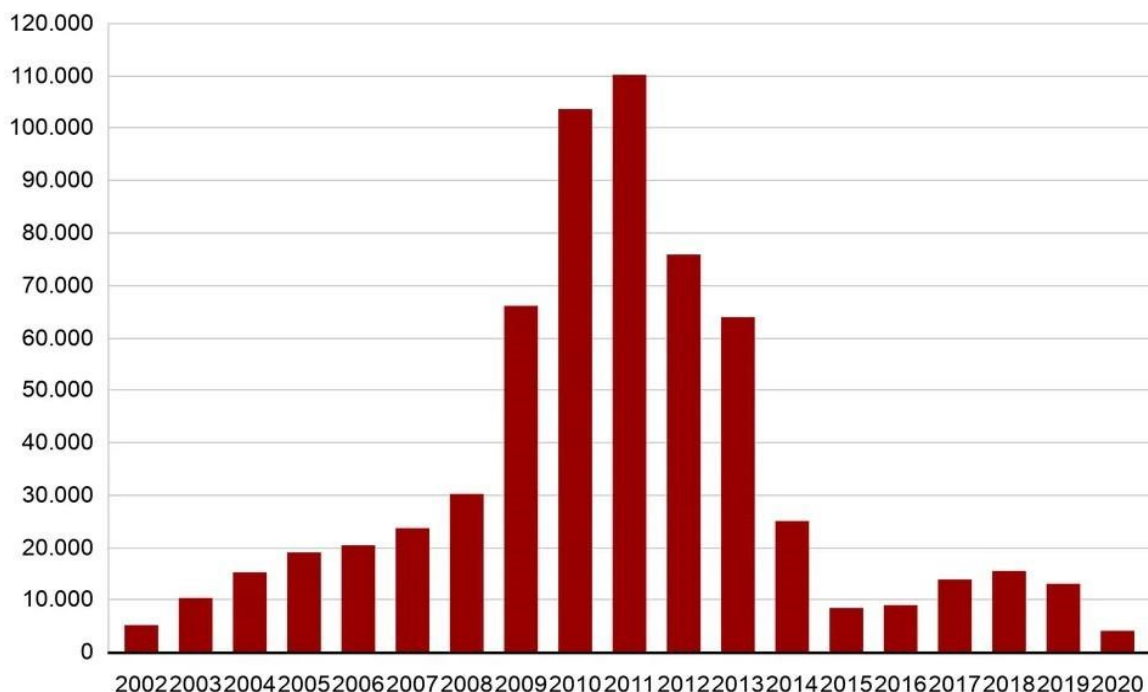


Imagem 1: Número de soldados americanos no afeganistão durante os anos de 2002 e 2020

Fonte: BBC News Brasil- 2020

Com o ápice do contingente em 2011, e a contenção das insurreições Talibãs, as atenções do Pentágono se voltaram para a captura de Bin Laden, que no dia 01 de maio de 2011, em uma operação liderada pelos Navy Seals, foi encontrado e morto no Paquistão. Com a morte do líder terrorista, o sentimento de vingança entre o povo americano estava completo, sendo assim no mesmo ano, a Casa Branca anunciou a retirada das tropas, e entre 2011 e 2014, mais de 80 mil soldados foram retirados de lá. Após a retirada de mais de 80% do efetivo, o congresso americano aprovou uma emenda para auxílio financeiro às forças armadas afegãs, para que elas próprias possam defender seus pais dos grupos terroristas da região.

2.2.2 Governos Trump e Biden

Depois da retirada do maior montante das tropas, a tentativa de entregar a segurança nas mãos das forças locais se tornou ineficaz, do ponto de vista norte americano, já que em 2017 o Talibã já tinha recuperado $\frac{1}{3}$ do território. Mesmo Trump se mostrando mais incisivo e com um aumento novamente das operações com o restante dos soldados que ficaram no país, o presidente americano conseguiu sentar-se à mesa com os líderes talibãs e negociar uma saída completa e definitiva. Em 2021, já no governo Biden, o atual governo honrou os antigos tratados e retirou todos os soldados.

Em agosto do mesmo ano, Cabul sofreu um novo golpe do talibã, o qual recuperou o controle político do país. Após 20 anos e sendo a guerra mais longa da história americana, com quase 2000 soldados mortos e bilhões gastos, a invasão foi considerado um fracasso, pois de acordo com um dos propósitos iniciais, que era trazer a democracia, foi completamente falho, já que com um saldo de milhares de mortes e destruição, o país retornou para a mão daqueles que o governo americano jurou proteger.

2.2.3 Guerra do Iraque

Durante a invasão do Afeganistão, em 2003, o exército americano se viu diante de um novo conflito, a guerra do Iraque. Diferentemente do conflito no Afeganistão com seu caráter vingativo para a população dos EUA, esta invasão foi justificada pelo fato de Saddam Hussein ameaçar a paz no Oriente Médio com armas nucleares, o que anos depois provou-se falsa. "Em seu artigo o economista Henrique Tomé da Costa-Mata demonstra como o petróleo é fundamental para a questão, sugerindo que a mobilização bélica se deu pela decisão do governo iraquiano exportar petróleo faturando em euro e não dólar a partir de 2000"

(Rodrigues ,2011,p.327)

O ano de 2003 foi brutal para o Iraque, com uma ofensiva avassaladora, no final do mesmo ano, os filhos e netos de Saddam são assassinados e ele próprio é capturado e condenado à morte em 2006 por crimes contra a humanidade. Mesmo Hussein sendo um líder sanguinário, a invasão ao seu país foi justificada por motivos pouco contundentes, e sem benefícios para o país, visto o rastro de destruição deixado pelo caminho. Dados recentes do Pentágono mostram que mais de 20 mil mísseis foram lançados e deixando mais de 250 mil mortos pelo caminho(estes dados são considerados conservadores visto que são informações do próprio governo americano).

A invasão se provou um fracasso, e serviu apenas como combustível para criação do grupo jihadista do Estado Islamico, diante de tanta barbarie e crimes de guerra cometido pelos americanos em uma busca por armas nucleares inexistentes. Após sua retirada em 2011, a herança deixada no Iraque foram quase 300 mil mortos e a sociedade civil à mercê de um grupo totalitário e terrorista novamente, só que agora, eles com seu sentimento de vingança para com os EUA.

2.3 CONSEQUÊNCIAS GERAIS DAS GUERRAS

Em 11 de setembro de 2001 quando o ataque aéreo aconteceu nos Estados Unidos e o presidente Bush declarou guerra ao terror diversas problemáticas surgiram, entre elas o medo eminente de algum ataque vindo dos EUA agravou ainda mais a crise de refugiados do Afeganistão, a qual já é um problema desde 1978 quando o Partido Democrático Popular do Afeganistão (PDPA) derrubou o governo Mohammad Daoud. A ameaça de um ataque agravou a situação da crise de refugiados nos países vizinhos, principalmente no Paquistão, o qual tomou medidas para impedir a entrada de afegãos e posteriormente para que os que entram retornem ao Afeganistão.

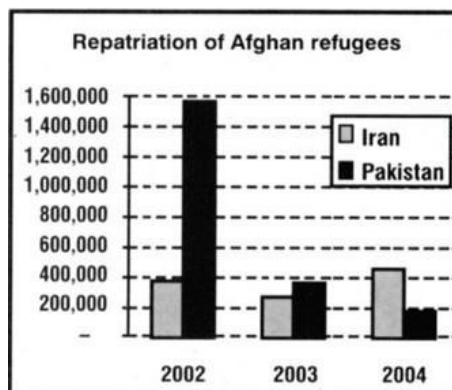


Imagem 2: Repartição dos refugiados do Afeganistão entre Irã e Paquistão.

Fonte: Pakistan Institute of International Affairs.

Além das emigrações para fora do país na tentativa de fuga, houve também deslocamento interno de pessoas, onde os civis fugiram de suas cidades procurando abrigo, comida, medicamentos e produtos de higiene, de acordo com o site das Nações Unidas aproximadamente 40 milhões de pessoas cruzaram o país procurando suprimentos e abrigo.

Em conjunto dessa crise teve-se outros problemas como a grande quantidade de mortos e feridos na guerra, sendo 116,000 civis mortos no período de 2009 até a retirada das tropas estadunidenses.

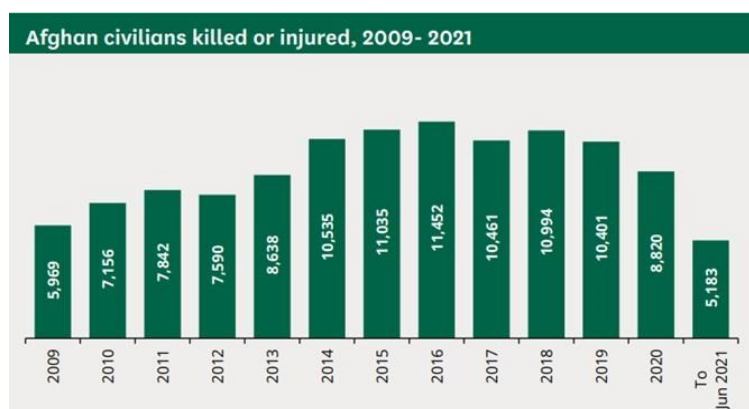


Imagem 3: Número de civis afegão mortos ou feridos durante a ocupação

Fonte: House of Commons.

Já em 2003 na invasão do Iraque os problemas foram relativamente semelhantes, exceto na parte dos refugiados onde a crise não foi tão acentuada e nem tão longa quanto no Afeganistão. Porém teve uma quantidade de mortos extremamente alta por conta da preocupação dos EUA em achar armas nucleares no território, e juntamente com a raiva dos iraquianos ocasionou nessa guerra brutal que foi, e sem motivos uma vez que o Iraque não

possuía o que os EUA acreditavam que eles possuíam. Os resultados dessa guerra foram apenas crise, mortos e um motivo para o Iraque se vingar do país americano.

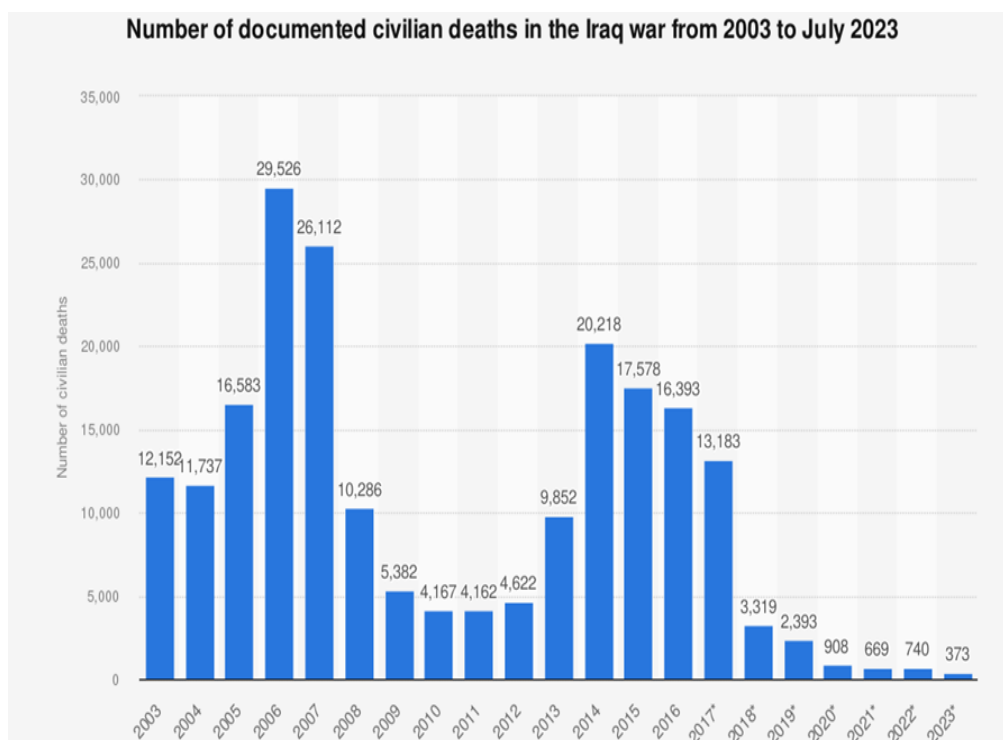


Imagem 4 :Número documentado de mortes civis na guerra do Iraque entre 2003 e julho de 2023.

Fonte: Statista Research Department.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Portanto, é notório que as políticas determinadas pela Doutrina Bush estão diretamente relacionadas com os conflitos no Oriente Médio. Uma vez que com o ataque do 11 de setembro às torres gêmeas, os Estados Unidos estavam sob uma ameaça iminente tanto aos seus ideais e valores, quanto à vulnerabilidade de seus cidadãos.

Diversas decisões políticas culminaram em um período com diversas tensões políticas e um cenário de guerra numa escala intercontinental. As Guerras ao terror foram travadas pelo sentimento de vingança para com o mundo árabe e por uma falsa moralidade e senso de justiça. Como visto ao decorrer dos fatos apresentados nesse artigo, os americanos, muitas vezes apoiados pela OTAN, quando saíram das ocupações, deixaram o país novamente nas mãos de organizações terroristas, muitas vezes incitando o surgimento de novos grupos, como o caso do ISIS no Iraque.

Entretanto, as invasões no oriente médio durante esse longo período de guerra, foram extremamente prejudiciais para toda a região, até mesmo para países vizinhos, como Paquistão e Irã, que já sofriam desde antes dos conflitos, e o problema só se agravou após os mesmos. Além disso, houve inúmeras mortes civis por conta das destruições das cidades, diversas pessoas desabrigadas, subnutridas e sem medicamentos. Com isso, é evidente uma onda de imigração para países mais desenvolvidos em busca de uma melhor qualidade de vida, que acarretou numa forte repressão e xenofobia por parte, principalmente, da Europa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou reunir informações bibliográficas para entender diferentes versões e analisar os acontecimentos após o ataque terrorista no dia 11 de setembro de 2001. Em virtude da quantidade escassa de referenciais bibliográficos referentes ao tema, foram feitos estudos aprofundados em alguns autores em específico para a realização do artigo, como Amaral Batista Leite, Luís Felipe Mendes Felício e Lucas Pereira Rezende.

Com os resultados obtidos na pesquisa foi possível compreender todo o processo em que o Oriente Médio foi posto como inimigo e como a Doutrina Bush foi crucial para para uma atitude mais ofensiva do país. Além do processo, também foi estudado as consequências da Guerra ao Terror ao longo de anos de conflito, e a repressão sofrida pelos civis da região tal qual atos xenofóbicos contra os mesmos em diversas regiões do mundo.

Em um futuro trabalho poderá ser analisado mais profundamente a respeito das crises causadas em países vizinhos dos cenários da Guerra, e as consequências em escala mundial. A fim de compreender mais sobre a região do Oriente Médio e como o Terrorismo se comporta na sociedade contemporânea, com novos grupos e novos alvos de ataques.

REFERÊNCIAS

REZENDE, L. P.; SCHWETHER, N. D. Terrorismo: a Contínua Busca por uma Definição. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2015. DOI: 10.26792/rbed.v2n1.2015.58349. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/58349>. Acesso em: 16 out. 2023.

MILMAN, L. Origem dos movimentos islâmicos revolucionários. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 35, 2004. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/mil_m_am_movimentos_islamicos.pdf. Acesso em: 16 out. 2023

CONSORTE, R. de C. C. J. Cooperação Internacional à Repressão e Combate ao Terrorismo. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 9, n. 85, p. 149-164, 2007. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/313/306>. Acesso em: 16 out. 2023

LIMA, J. C. Conflitos, Migrações, Islamismo e terror: Um panorama das Relações Internacionais para o século 21. **Conjuntura internacional**, v. 14, n. 2, p. 138-143, 29 maio 2018. Disponível em <https://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/14914> Acesso: 16 de out. 2023

DONNELLY, Jack. **Direitos humanos internacionais: conseqüências não intencionais da guerra contra o terrorismo**. 2003. 16 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Graduate School Of International Studies (Gsis) da University Of Denver, Denver, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/nHGqb4fDfWdD8kNjpZp75yp/#> Acesso: 16 de out. 2023

FELÍCIO, Luís Felipe Mendes. **O Daesh, a Crise dos Refugiados na Síria e a Xenofobia de Governo na Europa**. 2018. 25 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=23785> Acesso: 16 de out. 2023

AMARAL BATISTA LEITE, L. George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror. **Revista de iniciação científica em Relações Internacionais**, v. 8, n. 16, p. 27-59, 11. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/3861>. Acesso: 16 de out. 2023.

AIRES, C. R. O oriental enquanto ameaça. **Revista de iniciação científica em Relações Internacionais**, v. 11, n. 21, p. 23-42, 19 abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/9548> Acesso: 16 de out. 2023.

AMARAL BATISTA LEITE, L. A influência do discurso neoconservador na política externa americana e suas conseqüências. **Revista de iniciação científica em Relações Internacionais**, v. 7, n. 13, p. 39-55, 11. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/3880> Acesso: 16 de out. 2023. Noor, Sanam. Afghan Refugees After 9/11. **Pakistan Horizon**, Vol. 59, No. 1 (January 2006), pp. 59-78. Pakistan Institute of International Affairs. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41394381?read-now=1&seq=11#page_scan_tab_contents. Acesso: 21 de nov. 2023.

<https://www.statista.com/statistics/269729/29/documented-civilian-deaths-in-iraq-war-since-2003/> 2023. Acesso: 16 de nov. 2023.

LOFT, Philip. Afghanistan: Refugees and displaced people in 2021. 2021. 13 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Commons Library Research Briefing, Londres, 2021. Disponível em: https://hlm.org/img/violation/Afghan_Refugees_Displaced_2021.pdf Acesso: 16 de nov. 2023.

MARGESSION, Rhoda. Afghan Refugees: Current Status and Future Prospects. **Washington D.C: Congressional Research Service**, 2007. 21 p. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA464830.pdf> Acesso: 16 de nov. 2023.